

## **Carta do Organizador**

## **Cover Letter**

PEDRO FERNANDO ACOSTA DA ROSA  
Universidade Federal da Bahia  
pedroacosta26@hotmail.com

**Recebido em:** 09/11/2024  
**Aprovado em:** 16/12/2024

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. Carta do Organizador. **Música e Cultura**, v. 13, n. 3, p. 14-19, 2024.

## Carta do Organizador

Em 1º de janeiro de 2022 a Associação Brasileira de Etnomusicologia deu início a uma nova virada em sua história de luta pela Etnomusicologia no Brasil. Pela primeira vez, em seus 23 anos, elege uma Diretoria de maioria negra. Um grande feito em um campo do associativismo acadêmico marcado pela presença não-negra. Mesmo havendo desconfianças e medos que muitas pessoas associadas à ABET tinham em relação à Gestão Afirmativa, percebemos que o que mais preocupava, em primeiro lugar, era o fato de sermos a primeira Gestão de maioria negra, e o segundo era de não sermos naquele momento da eleição, professores/as universitários/as. Começarei pelo primeiro, pois hoje não tenho dúvida que a Gestão Afirmativa foi a primeira Diretoria Executiva de um entidade acadêmica no campo musical formada, em sua maioria, por pessoas negras. Isso quer dizer muito, para um país que, historicamente, nós pessoas negras fomos sempre vistas como objeto da ciência. E dirigir uma instituição de incentivo à pesquisa representa o rompimento do legado colonial no campo musical. Por isso, não podemos naturalizar como normal termos uma diretoria executiva negra, e sim, reconhecer a dedicação, o percurso e o esforço acadêmico desta gestão como parte do Movimento Negro Educador contribuindo para o campo etnomusicológico e para os estudos em Música.

Dito isso, afirmo e confirmo que nossas ações como gestores foram produzidas do ponto de vista das pessoas negras e foram repletas de singularidade, pois trouxemos o nosso próprio jeito de ser, fazer e existir. Mostramos, nos dois anos de gestão, que nunca mais ninguém deve duvidar das pessoas negras ou desconfiar de sua capacidade em gerir uma entidade como a ABET, ou qualquer entidade acadêmica do campo musical, sejam elas, professores/as universitários/as ou não.

Agora, me atenho ao segundo ponto dizendo que para mim, pessoa negra forjada no movimento social negro no Rio Grande do Sul, parece que sempre faltava algo, e não ter vínculo profissional com a universidade, na época, era sinônimo de falta de legitimidade e capacidade que reforçava mais as desconfianças. No entanto, assumimos o nosso protagonismo e nossa agência no mundo. Fomos mostrando que éramos capazes de gerir uma instituição acadêmica, fazer escolhas e cumprir com o nosso desafio maior que era concluirmos a nossa gestão.

Penso que sermos uma diretoria de maioria negra, nunca foi tão importante, não só para nós, mas também para Etnomusicologia Brasileira, pois fomos desenvolvendo ações que nos aproximavam cada vez mais do movimento negro, entre eles o Movimento Negro Unificado (MNU) e a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras (ABPN). Portanto, tivemos esse legado de luta, e por isso, não nos sentimos sozinhos, pois sabíamos que as dificuldades viriam e teriam que ser superadas. Sempre foi assim na vida, e porque haveria de ser diferente em uma instituição acadêmica?

Não foi diferente, viemos com nossas forças e nossas fragilidades e agradeço à Vice-presidenta, Gabriela Nascimento; ao Secretário Geral, Antoniel Lopes; à 2ª Secretária, Eliane de Souza; ao tesoureiro, Júlio Moraes; ao Editor da Revista *Música e Cultura*, Rafael Norberto e ao Vice-editor, Daniel Stringini, que mesmo com todas as dificuldades, advindas ao longo do percurso, – inclusive, para alguns de nós tardio na Pós- Graduação, para a maioria negra –, trabalhamos e nos dedicamos em desenvolver o projeto de Etnomusicologia Negra nesta Gestão da ABET. Um projeto de inscrição na história da Etnomusicologia que desafiou e assumiu o compromisso de enegrecer nossa Associação, de trazer vozes de diferentes campos e afirmar nosso lugar de pessoas negras protagonistas participando de eventos nacionais e internacionais, e realizando com muito esforço o nosso XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (XI ENABET). Um evento que foi realizado sem apoio financeiro de instituições de fomento, e contando apenas com as parcerias de pessoas e instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pessoas amigas da luta negra, mas principalmente de associados, associadas e associades da ABET que com as inscrições no evento e o pagamento das anuidades mais uma vez ajudaram na realização de mais um ENABET.

Penso que o presente Dossiê é parte deste projeto de valorização da produção de conhecimento negro iniciado em 2019 no IX ENABET, realizado em Campinas, e que demos o nome de Etnomusicologia Negra. É o primeiro trabalho do gênero em nossa Revista *Música e Cultura*, e traz pessoas que foram muito importantes nesse percurso e faço questão de agradecer, pois são referências na Etnomusicologia como o professor Kazadi Mukuna e o professor Kwasi Ampene que são duas figuras das mais importantes da Etnomusicologia Mundial e que nos honraram enviando dois artigos que fazem parte deste trabalho.

Eles participaram de eventos *on-line* e presenciais como o I Encontro Nacional de Povos Originários e Negros (I ENAPON) (), realizado em 2022, e XI ENABET, realizado em Porto Alegre, em 2023. Ambas são vozes negras africanas: de Gana (Professor Kwasi) e do Congo (Professor Kazadi) que merecem toda a nossa atenção e respeito, pois estão se conectando de maneira mais intensa com o Brasil em razão da história e das lutas em comum.

Quero aproveitar e agradecer com todo amor e carinho ao Professor Dr. Leonardo Moraes Batista em aceitar o desafio de organizar o Dossiê “Etnomusicologia Negra: Caminhos, Contribuições, Pensamentos e Legado”, e por ter ido ao XI ENABET em Porto Alegre com recursos próprios. Léo, sua presença no ENABET foi fundamental para estabelecermos, novamente, laços rompidos após minha saída do Coletivo Mwnamuziki. Mas, foi graças a este projeto, criado e liderado pela Professora Dra. Eurides de Souza Santos, primeira mulher negra presidenta da ABET, que tive o prazer de conhecê-lo em 2021.

Confesso que no começo não nos entendemos bem, mas, fui conhecendo mais o seu trabalho, entendendo sua agenda de luta, sua pessoa, seu caráter e ao poucos fui percebendo que você é um dos quadros mais qualificados que temos politicamente no campo musical e do Movimento Negro. Portanto, posso afirmar que Leo é uma biXa preta que dá o papo reto e vai nos educando com sua agenda LGBTQIAPN+, utilizando a linguagem contracolônia desse Movimento, e trazendo sua pesquisa aplicada para colaborar nos debates dos estudos em música, e revela, no interior da Etnomusicologia Brasileira, a necessidade da inclusão desta agenda na Gestão da ABET. Pudemos ver a qualidade do seu trabalho quando participou do GT de Etnomusicologia Negra em 2021 no X ENABET, e por isso, o convite pra você fazer parte como editor convidado do Dossiê, meu muito obrigado em nome da nossa Gestão Afirmativa.

Agora quero agradecer ao Rafael Norberto, Editor da Revista Música e Cultura, e o primeiro professor universitário da nossa equipe, representando a Universidade Federal de Roraima. Obrigado Rafa por aceitar o meu convite em 2021 para compor a Chapa Afirmativa e ter feito um trabalho histórico na Revista deixando um legado de três edições em um ano. Você é um homem não-negro, aliado importantíssimo, que entende, compreende e tem somado e sido mais que um colega e um parceiro, tem sido um irmão da nossa luta, pois tem colocado seu capital intelectual para valorizar a proposta de Etnomusicologia Negra em suas produções intelectuais.

Obrigado a todas, todas e todes, que apoiaram a Gestão Afirmativa, acreditaram em nós, e viram de perto o nosso trabalho e dedicação oferecidos à ABET, entidade que tem 23 anos de existência e com inúmeros desafios ainda pela frente. Quero agradecer a todas as pessoas que mandaram trabalhos para compor o presente dossiê. Tenho a certeza que este trabalho soma-se com as inúmeras produções de conhecimento negro que estão emergindo na Educação Musical e na Etnomusicologia, e tenho certeza que irão impactar em outros campos.

Por fim, estamos deixando um legado às gerações do presente, do futuro e do passado, e aos nossos mestres e mestras negros, negras e negres que formados nas Universidades Brasileiras e internacionais, no Movimento Negro Educador e Comunitário nos oportunizaram a continuidade de suas agendas de luta no campo acadêmico musical. Obrigado por suas existências e resistências, bem como o legado ancestral que nos deixaram e que me permitiu estarmos hoje como professor adjunto de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA) uma das primeiras instituições a afirmar a Etnomusicologia Brasileira.

Dedico a vocês essa conquista.

Desejo ótima leitura!

**Pedro Fernando Acosta da Rosa**

Presidente da Associação Brasileira de Etnomusicologia (2022-2023 e 2024-2026)

Organizador do Dossiê “Etnomusicologia Negra”

Salvador, 09 de novembro de 2024.

**Pedro Fernando Acosta da Rosa** é Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia, músico, poeta, compositor, pagodeiro, sambista, etnomusicólogo. Foi produtor cultural do Ponto de Cultura Campo da Tuca, pesquisador da cena *funk* em Porto Alegre e das lutas dos Movimentos Sociais Negros no sul do Brasil. Tem Licenciatura em Música pelo Centro Universitário Metodista (2011), Especialização em Música Universidade Feevale- Novo Hamburgo (2015), Mestrado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS (2016), Doutorado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020) e Pós- doutorado em Música pela Universidade em Federal da Paraíba (2022). Foi professor de música da Secretaria Municipal da Educação de Porto Alegre (SMED) (2014-2024) e da Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC) entre 2012-2024. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Música atuando principalmente nos seguintes temas: Educação para Relações Étnico- Raciais (ERER), Etnomusicologia e Educação Musical. Atualmente é Presidente da Associação Brasileira de Etnomusicologia Gestão (2022-2024); representa o ICTM (International Council for Traditional Music) no Brasil; faz parte dos grupos de pesquisas: GEAD (Grupo de Estudos de Antropologia e Deficiência); ETNOMUS UFRGS (Núcleo de Etnomusicologia da UFRGS), que visa contribuir para o estudo do patrimônio musical brasileiro e latino-americano, especialmente do chamado Cone Sul; Colaborador do GEM (Grupo de Estudos Musicais) da UFRGS; e Coordenador do Coletivo de Etnomusicologia Negra.

<http://lattes.cnpq.br/5981702712146724>